

# INTERSECCIONALIDADE COMO CANAL DE DIÁLOGO NA PANDEMIA: UMA REFLEXÃO SOBRE A “RODA DE CONVERSA - ESTUDOS FEMINISTAS”

## INTERSECCIONALITY AS A CHANNEL FOR DIALOGUE IN THE PANDEMIC: A REFLECTION ABOUT THE “CIRCLE OF TALK - FEMINIST STUDIES”

Camila Daniel **1**

Eduarda Moreno da Silva **2**

Leandra Cristina de Oliveira Costa **3**

**Resumo:** Este relato analisa a interseccionalidade como ferramenta epistemológica para construir redes de afeto entre mulheres a partir da “Roda de conversa - estudos feministas”. Este projeto de extensão foi criado pelo Coletivo Feminista Jéssica Philipp Giusti e uma professora do Instituto Três Rios da Universidade Federal Rural do Rio Janeiro durante a pandemia. Ocorrida semanalmente de abril a novembro de 2020, a Roda se tornou um espaço de circulação de saberes centralizados nas diferentes experiências das mulheres envolvidas, tanto das participantes da Roda, como das autoras dos materiais discutidos. A Roda impulsionou um diálogo afetuoso que nutriu o autoconhecimento, a auto-percepção e o autocuidado, entendidos como táticas contra as opressões. Na Roda, as perspectivas feministas negras assumiram o destaque na consolidação de um diálogo decolonial incentivando: a democratização do espaço de fala e escuta; o aprender fazer/fazer aprendendo; e o aprendizado não-hierárquico - todo mundo aprende enquanto ensina.

**Palavras-chave:** Feminismos Negros. Extensão Universitária. Decolonialidade.

**Abstract:** This report analyzes intersectionality as a tool to build networks of affection among women in the context of the new corona virus pandemic based on the “Circle of talk - feminist studies”. This outreach project was created by the Feminist Collective Jéssica P. Giusti and a professor from the Três Rios Institute at the Federal Rural University of Rio Janeiro in the pandemic. The Circle occurred weekly from April to November 2020. It became a space for the exchange of knowledge and affections centered on the different experiences of the women, both participants of the Circle and the authors of the materials discussed. Thus, Roda promoted a caring dialogue that nurtured self-knowledge, self-perception and self-care, understood as political tactics against oppressions. In the Circle black feminist perspectives took center stage in consolidating a decolonial dialogue. It fostered the democratization of the space of speaking and listening; learning while doing/doing while learning e a non-hierarchic learning - everybody learns while teach.

**Keywords:** Black Feminisms. University Outreach. Decoloniality.

- 
- 1** Professora do Departamento de Ciências Administrativas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Pós-doutora pela Morgan State University, EUA. Doutora em Ciências Sociais pela PUC-RJ. Mestre em Ciências Sociais pelo PPCIS/UERJ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2495291912706090>. E-mail: [camiladaniell@gmail.com](mailto:camiladaniell@gmail.com)
  - 2** Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7911368181846166>. E-mail: [eduardamoreno99@gmail.com](mailto:eduardamoreno99@gmail.com)
  - 3** Mestranda em Direito do Trabalho pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Direito pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Instituto Três Rios (2022). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7312349368207029>. E-mail: [leandraacosta2@hotmail.com](mailto:leandraacosta2@hotmail.com)

## Introdução

A interseccionalidade é um conceito que, construído no espaço da militância, lança luz sobre como diferentes sistemas de opressões afetam de forma particular as condições materiais e simbólicas da vida dos indivíduos. Embora a genealogia do conceito remonte que seu nome foi cunhado no contexto do movimento de mulheres negras, chicanas, asiáticas e indígenas nos Estados Unidos, outras mulheres não-brancas e oriundas do Sul Global também desenvolveram a interseccionalidade como práxis, ou seja, como ferramenta de análise e ação política que questiona o status quo, mesmo quando não usaram este nome (COLLINS; BIRGE, 2016). Nesse contexto, o feminismo negro tem desempenhado um importante papel no debate sobre a interseção das opressões vivenciadas pelas mulheres negras e suas consequências materiais, políticas e simbólicas transnacionalmente.

Apontando a interseccionalidade com práxis cujos sentidos vão além da realidade EUA, intelectuais ativistas negras estadunidense como Patricia Hill Collins, Angela Davis e Kimberlé Crenshaw tem reforçado, por exemplo, a ação coletiva interseccional do movimento de mulheres negras brasileiro e seu papel na luta contra e análise sobre a interseção das opressões de gênero, raça e classe na realidade brasileira. Lelia Gonzalez, Sueli Carneiro e Djamila Ribeiro, por exemplo, são intelectuais ativistas brasileiras que no passado e no presente analisam o lugar das mulheres negras na estruturas sociais como uma posição de opressão, mas também de ação, transformação e produção de conhecimento. A partir de sua posição como mulheres negras brasileiras, elas desafiam a neutralidade da ciência, a abstração da política institucional e elaboram caminhos alternativos para compreender e intervir na realidade. Este conhecimento e ação política produzidos pelas mulheres negras a partir de suas vivências denominamos como decolonial. A perspectiva decolonial reconhece o sujeito, seus corpos, emoções e pensamentos como centrais no processo de produção de conhecimento e de organização política, desafiando as separações entre corpo, mente e emoção hegemônicas na ciência eurocêntrica e o Estado moderno (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFUGUEL, 2019).

Nos últimos anos, o conceito de interseccionalidade tem ganhando visibilidade no Brasil tanto dentro quanto fora dos espaços de militância feminista negra (RIBEIRO, 2019). Neste artigo, desenvolvemos uma reflexão sobre a interseccionalidade como ferramenta de: análise da realidade; ação capaz de unir mulheres em suas diferenças e descolonização dos conhecimentos e dos significados de ação política. Tal reflexão será desenvolvida a partir da análise da experiência da Roda de Conversa - estudos feministas". A Roda foi um projeto de extensão criado e desenvolvido pelo Coletivo Feminista Jéssica Philipp Guisti em colaboração com a uma docente do Instituto Três Rios da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) no contexto da pandemia do novo coronavírus. Os encontros aconteceram semanalmente de maneira virtual de abril a novembro de 2020. A Roda construiu um espaço colaborativo de diálogo crítico, reflexivo e afetivo entre mulheres em isolamento social a partir de produções - artísticas, intelectuais, políticas, etc - realizadas também por mulheres a partir de suas diferenças. Além dos encontros semanais, a roda estendeu sua proposta de diálogo para um grupo de WhatsApp, ainda vigente, em que as participantes colaboram sugerindo materiais para os próximos encontros, mas também compartilham outros textos, informações e experiências.

A Roda tinha como princípio a democratização da fala e da escuta em primeira pessoa, entendendo que nenhuma ação política é possível sem que cada pessoa olhe crítica, mas afetuosamente para si mesma. Para isso, a Roda foi, em cada encontro, construindo uma metodologia própria que teve na perspectiva interseccional do feminismo negro um importante eixo de intercâmbio para as mulheres negras participantes da roda, mas também para as não-negras, de maneira horizontal e não-hierárquica. Assim, a Roda se assumiu como um espaço não apenas de reflexões teóricas, como hegemonicamente acontece no espaço acadêmico, mas um espaço em que o pensamento teórico se desenvolvia a partir do sentir e viver no mundo de cada pessoa. Esta reflexão se baseia no trabalho de participação observante (WACQUANT, 2002) e ciber-etnografia (WARD, 1999) desenvolvida pelas autoras do texto, que também desempenharam o papel de organizadoras da Rodas.

## O coletivo Jéssica Philipp Guisti

Jéssica Philipp Giusti foi uma aluna do curso de Direito do Instituto Três Rios da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Natural do interior de São Paulo, Jéssica, como muitas outras alunas do Instituto, deixou a casa dos pais pela primeira vez para estudar numa universidade pública. Ao retornar dela lá após um feriado prolongado, a jovem desceu do ônibus que a trazia de Piracicaba/SP de madrugada. No caminho, Jéssica foi sequestrada. Seu corpo foi encontrado sem vida numa estrada próxima à rodoviária de Três Rios. O assassinato aconteceu em 17 de outubro de 2010. Ainda hoje, 12 anos depois, o crime segue sem respostas: quem matou Jéssica? Por qual motivo? O caso encontra-se tramitando em segredo de justiça, sem uma resposta.

O Coletivo Feminista Jéssica Philipp Giusti se formou em 2016 por meio de inquietações de algumas estudantes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Três Rios (UFRRJ-ITR), com o objetivo de promover o debate sobre o machismo e sexismo estrutural, tendo como referência a memória de Jéssica. Resolvemos que era hora de fazer sua voz ecoar, reerguer sua imagem, homenageá-la, lembrar que nós estamos juntas: foi a Jéssica, mas poderia ter sido qualquer uma de nós, pelo simples fato de sermos mulheres. Realizamos nossos primeiros encontros com um pequeno grupo de 11 alunas dos cursos de Administração, Direito, Economia e Gestão Ambiental, os 4 cursos existentes no Instituto Três Rios da UFRRJ. Os encontros eram realizados semanalmente no campus da universidade. Eles buscavam dialogar sobre todas as inquietações de ser mulher, em nossa diversidade, e ainda construir uma rede de apoio e fortalecimento através do compartilhar de experiências na academia e de suas vidas pessoais.

Com o decorrer do tempo, o grupo se expandiu. Em 15 de setembro de 2016, ocorreu o evento de lançamento oficial do Coletivo depois de 3 meses de preparação. O Coletivo passou a desenvolver algumas linhas de atuação, como por exemplo um Cine debate. Em 2017, estreamos com a exibição do documentário “Precisamos falar de assédio”, de Paula Sacchetta. No mesmo ano, abordamos a questão de crianças transgêneros, ainda pouco discutida na realidade de Três Rios, com o documentário “Growing Up Coy”, de Eric Juhola. Em 2018, debatemos o curta “Garota Zona Sul”, de Luca Paiva Mello. Em 2019, conversamos sobre o documentário “Absorvendo o Tabu”, de Rayka Zehtabchi. No Cine Debate, construímos uma metodologia que estimulava o diálogo aberto, crítico e franco entre as e os participantes a partir da linguagem audiovisual.

O Coletivo também participou de mesas redondas, rodas de conversa, palestras organizadas por outras instâncias e coletivos da universidade. Em 2016, o grupo foi convidado para compor uma mesa redonda na 4ª Semana Acadêmica de Administração, com o tema “Empoderamento da mulher no mercado de trabalho”. Em 2017, o Departamento de Direito, Humanidades e Letras (DDHL) do Instituto Três Rios convidou o Coletivo para participar do evento “Lei Maria da Penha: reflexões sobre a violência doméstica e a garantia de direitos humanos das mulheres”.

Com as ocupações das universidades contra o projeto do teto de gastos da educação proposta pelo governo federal em 2016, o coletivo foi convidado para participar da roda de conversa sobre o papel das mulheres e do feminismo nas lutas e movimentos sociais. No mesmo ano, ocorreu o lançamento do primeiro livro de uma jovem escritora de Três Rios, Pam Gonçalves, intitulado “Boa Noite”. O Coletivo esteve presente prestigiando a autora e participando do debate feminista com as demais mulheres presentes no evento. O Coletivo também participou do VII Sarau do Programa de Educação Tutorial (PET) e em junho de 2017 promoveu seu primeiro Sarau, intitulado “1º Sarau das mina: a voz da mulher que não se kahlá”, ambos ocorridos no campus da universidade.

Campanhas de promoção social também foram efetivadas pelo Coletivo, como a campanha “Basta de estupro”, desenvolvida em 2018 após uma sequência de estupros ocorridos no campus sede da UFRRJ, no município fluminense de Seropédica. No mesmo período, o Coletivo iniciou a exposição virtual “Mulheres que mudaram o mundo”, com personalidades femininas importantes da história. As histórias, contadas pelas próprias integrantes do Coletivo, foram compartilhadas na página do Facebook do grupo. Em 2019, o Coletivo iniciou uma campanha de arrecadação de absorventes com destinação para o “Elas Existem - Mulheres encarceradas”, Coletivo que trabalha com mulheres inseridas no sistema prisional. Também iniciou um clube de leitura feminista, sendo “Sejamos Todos feministas”, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie o primeiro livro trabalhado. No mesmo ano, as integrantes do coletivo estiveram ativas nas manifestações em prol

da educação, ocorridas em todo território nacional no dia 15 de maio.

Com a entrada de 2020, novos projetos estavam sendo traçados, aprofundando a proposta do Coletivo de expandir a reflexão e a ação contra as discriminações de gênero dentro e fora da universidade, na cidade de Três Rios e além dela, no espaço físico e virtual. Um desses projetos seria uma parceria com setores públicos. Em 10 de março de 2020, as integrantes da diretoria do Coletivo se reuniram com membros da Secretaria de Promoção Social da prefeitura de Três Rios e juntas discutiram as demandas mais recorrentes entre as mulheres da cidade. Objetivava-se desenvolver um plano de trabalho para todo o ano de 2020 para responder tais demandas. Também tínhamos previsto um evento na semana de integração dos calouros para exibir um material audiovisual produzido por alunas do próprio Instituto. O evento abordaria o desafio da academia para mulheres. Entretanto, com o surgimento do novo coronavírus (SarsCoV2) e a eclosão da pandemia pelo mundo, todas as atividades foram canceladas.

Inicialmente, o Coletivo não soube o que fazer ou como agir diante do novo fato. Cerca de um mês após o início oficial do isolamento social, o Coletivo recebeu uma mensagem da professora Camila Daniel, via seu perfil no Instagram, propondo a roda de estudos feministas. Assim, o Coletivo, juntamente com a professora Camila Daniel e seu grupo de pesquisas Culturas na América Latina e Identidades na Diáspora (CALID) se reinventaram. Decidiram que era tempo de ecoar, florescer e expandir, juntas!

## Diálogos em quarentena

Camila Daniel é professora da área de Ciências Sociais no Instituto Três Rios. Desde 2011, a antropóloga desenvolve trabalhos em colaboração com comunidades de imigrantes latino-americanos no Rio de Janeiro, o que lhe permitiu consolidar laços com diferentes países da América Latina. Em 2016, durante seu pós-doutorado nos Estados Unidos, ela aprofundou os laços com o continente ao se inserir no campo do ativismo anti-racista e na comunidade latina de Baltimore, cidade onde residiu. Ao longo dos anos que trabalha no Instituto Três Rios, ela organizou mesas redondas, rodas de conversa, sessões de cinema e palestras combinando arte, política e reflexão crítica. Além de professora e pesquisadora, Camila também desenvolve sua carreira no campo do ativismo, principalmente anti-racista, e das artes, focalizada no campo da dança. Na intersecção entre diferentes saberes, Camila contribui para o trânsito de reflexões, afetos e ações políticas que potencializam a descolonização da universidade.

Assim como as integrantes do coletivo, Camila também estava adaptando seus projetos para o contexto da pandemia. A antropóloga compartilhou com o Coletivo seu desejo de abrir de um espaço virtual para conversar, tendo como base trabalhos produzidos por mulheres. Sua ideia surgiu depois de participar de um clube de leitura com ativistas de Baltimore que acontecia virtualmente, também iniciado no contexto da pandemia. O Coletivo acolheu a proposta.

A “Roda de Conversa-estudos feministas” se reunia todas as sextas-feiras, de 19h às 20h pela plataforma Zoom. Nosso objetivo era dialogar a partir de nossas experiências, mediadas por trabalhos produzidos por mulheres em formatos variados como textos, filmes, séries e podcasts. Os encontros ocorreram de abril a dezembro de 2020. As participantes e organizadoras manifestaram interesse em continuar com a Roda em 2021, no entanto ela não foi retomada.

O intuito inicial da Roda era potencializar o encontro de mulheres, ainda que virtualmente, para que elas pudessem compartilhar seus medos, incertezas, angústias dentro e fora da pandemia e criar uma relação de troca de ideias; um momento mais leve no cotidiano de cada uma e compartilhar conhecimentos produzidos a partir de suas vivências. Esta perspectiva já vinha sendo desenvolvida tanto pelo Coletivo quanto pela trajetória de Camila Daniel separados. Assim, a Roda simbolizou um encontro que ampliou as possibilidades de partilhar de falas, escutas, afetos, anseios e reflexões que se tornaram um alento durante a pandemia.

O Coletivo Feminista Jéssica Philipp Giusti e Camila Daniel eram as responsáveis por toda a organização envolvida por trás da roda: a elaboração de arte de divulgação, elaboração de certificados, condução dos encontros e inscrição de fala das participantes e mediação da curadoria do material de diálogo da semana. Nossa proposta era tornar o espaço da Roda o mais horizontal possível, o que exigia uma divisão de tarefas para manter a organização e fluidez nos debates e não

sobrecarregar de trabalho nenhuma das participantes. Quando decidimos iniciar a Roda, abrimos um grupo no aplicativo WhatsApp com aproximadamente 15 mulheres, a maioria estudantes da UFRRJ-ITR, ou amigas e pessoas próximas das estudantes da universidade para divulgar o primeiro encontro e o material de diálogo, que foi o texto “Usos do Erótico”, da escritora negra lésbica estadunidense Audre Lorde (LORDE, 2019). Os encontros da Roda aconteceram pela plataforma Zoom.

Após 3 encontros da Roda, a UFRRJ criou uma plataforma chamada CED (Central Extensionista de Dados). A plataforma foi construída para cadastrar eventos, cursos e demais atividades de extensão com o objetivo de dar celeridade ao exercício da extensão no contexto da pandemia. Os eventos ali credenciados iriam gerar certificados para os cursos desenvolvidos. A professora Camila Daniel, que já tinha a responsabilidade de emitir os certificados, se colocou à disposição para cadastrar as sessões semanais da Roda no novo sistema. Os certificados de participação eram um atrativo para novos participantes que eram estudantes universitárias que precisavam cumprir horas em atividades complementares, exigidas pelo Ministério da Educação.

No final de cada sessão, as participantes eram convidadas a entrar para o Grupo do WhatsApp. Além de compartilhar o material de diálogo dos próximos encontros, as participantes compartilhavam ali outros materiais de cunho feminista, convites para lives e outros eventos online, reflexões e inclusive desabafo. Além desse meio de divulgação, o Coletivo Jéssica possui uma página na rede social Instagram, na qual divulgava todos os encontros. Inclusive, muitas pessoas ao verem as publicações se interessavam pelo grupo e começavam a participar. Essa foi uma outra forma como o grupo se expandiu e alcançou mais participantes.

## **A Dinâmica da Roda: aprender fazendo, fazer aprendendo**

Semanalmente, a Roda começava pontualmente às 19h e nos esforçamos para também terminar pontualmente às 20h. Na semana anterior, era escolhido um material de diálogo - vídeo, texto, podcasts, etc - e duas pessoas que facilitariam a conversa. As facilitadoras apontariam questões do material que chamaram sua atenção e levariam perguntas para impulsionar a conversa. Combinamos que o tempo de fala das facilitadoras seria no máximo de 15 minutos, com o objetivo de socializar o tempo de fala e de escuta. Além disso, outra integrante do Coletivo ficaria responsável em anotar as inscrições das falas e a verificar o tempo de fala, avisando no chat privado caso a pessoa monopolizasse o espaço da fala. A curadoria do material de diálogo e a facilitação da Roda eram feitas de maneira colaborativa. Antes de cada encontro, alguma integrante do Coletivo se dirigia ao grupo da Roda no WhatsApp e perguntava se alguém tinha interesse em conduzir o próximo encontro ou se possuía alguma indicação de material para debate.

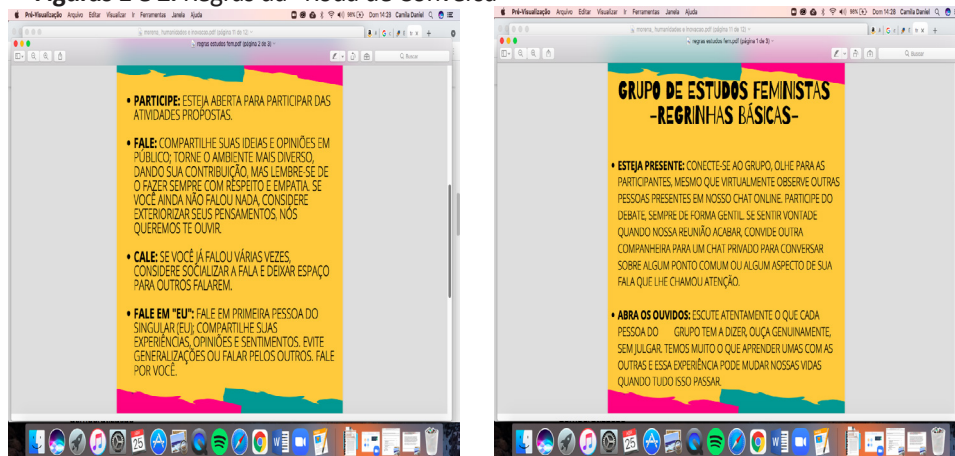
Esse processo de inclusão e participação ativa de todas as mulheres do grupo, independente de ser ou não da diretoria do projeto, era um dos pilares mais importantes da Roda de Conversa, uma vez que vai ao encontro com a ideia central do Coletivo Feminista Jéssica Philipp Giusti. Na sua organização interna, ele adota um modelo horizontalizado e não hierarquizado, pois acredita que todas têm o mesmo valor de voz e voto nas decisões coletivas.

Esta metodologia foi construída ao longo dos primeiros encontros, quando observamos que algumas participantes monopolizam o tempo e espaço de fala enquanto outras se sentiam intimidadas à fala. Com o decorrer dos encontros, as organizadoras do evento perceberam a importância de se estabelecer algumas regras básicas de convivência do grupo que fossem de conhecimento público. O grupo de organização da Roda considerou pertinente a criação e compartilhamento dessas regras após um incidente. Em um dos encontros, cujo tema foi lugar de fala (RIBEIRO, 2017), uma das participantes, insatisfeita com a facilitação do material de diálogo, interrompeu por várias vezes a facilitadora do dia. O episódio causou um grande constrangimento para a mediadora e nas demais integrantes do grupo.

Após esse episódio, a organização do grupo se reuniu e foi de senso comum que aquela situação não poderia voltar a ocorrer pois iria em desencontro com toda a política de respeito e empatia umas pelas outras. Assim, construímos algumas regras e criamos o ritual de começar a Roda com uma integrante do Coletivo lendo-as. Além disso, as regras são enviadas para todas as novas participantes que entram no grupo, para que estejam cientes do funcionamento do mesmo.

Estas regras se tornaram um compromisso coletivo de manter a Roda como um espaço de afeto, acolhimento, aprendizado e respeito (figuras 1 e 2):

**Figuras 1 e 2. Regras da “Roda de Conversa”**



## As participantes da Roda

O público da Roda de Conversa inicialmente se concentrou entre estudantes universitárias de Três Rios, participantes do Coletivo ou pessoas de sua rede de afinidades. Com o decorrer temporal, esse cenário foi sendo modificado. O grupo foi recebendo uma diversidade de mulheres a cada encontro, incluindo professoras do Instituto Três Rios, mães, trabalhadoras, adolescentes, psicólogas, assistentes sociais e participantes de outros países, classes sociais, orientação religiosa ou sexual. Muitas delas também ingressaram para o grupo de WhatsApp. Ao mesmo tempo que a pandemia impôs novos desafios, ela também potencializou o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) como principal ferramenta de interação, o que permitiu à Roda alcançar um público que não seria possível nos encontros presenciais, em Três Rios.

A inserção da Roda na plataforma CED da UFRRJ proporcionou que novas pessoas que não estavam diretamente ligadas à nossa rede de relações chegassem até a Roda. Entre os novos participantes estavam alunos e alunas da UFRRJ de outros campi, assim como pessoas vinculadas a outras universidades do Brasil e do exterior. Assim, o número de participantes da Roda por sessão aumentou exponencialmente. Nossos primeiros encontros, quando ainda não existia o CED, tivemos em torno de 12 a 15 participantes. Com a inscrição da atividade no sistema, o grupo chegou a receber uma média de 30 participantes por sessão. Assim, o recurso oferecido pela universidade teve um importante papel para dar visibilidade à Roda e ultrapassarmos os limites de nossa rede imediata de contatos. Ao mesmo tempo, o respaldo institucional do CED também dava à Roda uma credibilidade, já que materializa sua conexão com a universidade.

Um caso que chamou nossa atenção é que uma das participantes conseguiu trazer a mãe para participar das nossas conversas de forma ativa. Tudo começou quando a mãe da participante chegava do trabalho e ficava ouvindo as falas do grupo enquanto realizava alguma atividade em seu lar. Sua filha, ao perceber o interesse da mãe, passou a incentivá-la a participar das reuniões. Ela aceitou. Apesar de não se sentir segura para falar na Roda, ela gosta de ouvir e aprender com as demais mulheres ali inseridas. A mãe contou à filha que sente enorme orgulho de ver mulheres tão jovens desenvolvendo um trabalho de relevante valor social. Assim a Roda se tornou também um novo elo entre mãe e filha, em que a mãe encontra a oportunidade de aprender com a filha e suas amigas. Outro caso importante é o de uma pastora evangélica, professora e socióloga de São Paulo que se tornou participante ativa da Roda. Muito assídua e ativa, ela facilitou um dos encontros e ainda convidou jovens de sua igreja para também participar da roda. Ela sempre comentava que se alegrava em estar em um espaço de aprendizado, diálogo e acolhimento, principalmente no atual cenário de tensão política na sociedade brasileira e de conservadorismo na igreja evangélica.

## Aceitamos homens?

Uma questão exigiu do Grupo uma reflexão sobre nossas práticas e a princípio foi aceitar ou não homens na Roda. Esta demanda chegou até a organização da Roda quando uma das participantes, a pastora evangélica, comentou que seu filho de 15 anos tinha se interessado no grupo, pois gostaria de aprender mais a partir de uma perspectiva feminista. A questão sobre a presença ou não de homens se tornou mais urgente quando inscrevemos a Roda no CED. Pela plataforma CED alguns homens vinham, frequentemente, se inscrevendo para os encontros. Não havia um mecanismo na plataforma que evitasse a inscrição de homens.

Para tomar uma decisão, levantamos a questão no grupo da Roda no WhatsApp e conversamos entre nós, organizadoras da Roda. Em ambos os grupos, concluímos que não se combate o machismo e o patriarcado sem a presença de homens ao nosso lado, aprendendo e rompendo velhos paradigmas que os cercaram a vida toda. Nosso espaço enquanto um local de aprendizado deveria chegar a todos que estivessem dispostos a aprender e a contribuir com nossa luta. Entendemos, em nossa maioria, que a luta contra o machismo e patriarcado só pode ser efetiva se feita através de um diálogo entre ambas as partes, homens e mulheres.

Após deliberarmos que a presença de homens seria permitida em nossos encontros outros começaram a aparecer, hoje em média 4 homens, dentro de um grupo de mais ou menos 40 pessoas, participam dos nossos encontros, e contribuem de forma muito significativa e respeitosa, entendendo seu lugar de fala, mas não se omitindo em relação a seus privilégios, e sempre os reconhecendo. Entre eles, o mais assíduo foi um brasileiro que estuda medicina na Argentina e que é amigo de uma das organizadoras da Roda. Apesar dos homens terem sido aceitos na Roda, eles não foram incluídos no grupo de WhatsApp. Isso ocorreu pois o grupo era um lugar mais íntimo, no qual algumas mulheres se sentiam confortáveis para desabafarem ou conversarem sobre algum assunto mais delicado. Por isso, pensamos que elas poderiam se sentir constrangidas com a presença de homens.

## Diálogo crítico em primeira pessoa

Uma preocupação que mobilizou a organização da Roda é que ela não se tornasse mais um espaço de debate acadêmico. Nestes espaços, geralmente as reflexões se centram na teoria. As pessoas que tomam a palavra falam em terceira pessoa, sempre citando outros autores. Alinhando-se a ideia de neutralidade, essa dinâmica estabelece uma distância entre quem fala, o que ela fala e para quem fala. Ela também pode, muitas vezes, intimidar as pessoas que tiveram menos acesso às teorias e conhecimentos formais. Na Roda, enfatizamos nossas vivências como lócus primordial ensinar, aprender e analisar a realidade. Coerentes com esta filosofia, os materiais de diálogos escolhidos incentivavam esta práxis, já que eram produzidos por mulheres que desenvolviam reflexões sobre o mundo a partir das posições sociais que ocupavam. Muitas delas o faziam usando a primeira pessoa “eu”, torna seu “lugar de fala” (RIBEIRO, 2019) uma posição política e analítica. Estes materiais se tornaram ferramentas para realizar a Roda, mas também ferramentas para cada uma olhar para si e desvendar as diferentes opressões que sofre e exerce. Entre os materiais sobre os quais dialogamos estiveram produções de Audre Lorde, bell hooks, Chimamanda Ngozi Adichie, Virginia Woolf, Rita Von Hunty, Camila Daniel, Podcast Mamilos, Conceição Evaristo e Duda Moreno.

Entender a escuta como um processo político, de autoconhecimento e acolhimento foi um elemento central para a Roda. Por meio da escuta ativa, ou seja, ouvir a outra de forma atenta, empática e sem julgamento, possibilitou a construção de um processo de partilha de vivências e conhecimentos em que todas as participantes eram reconhecidas como mestres e também aprendizes. Ouvir ativamente a vivência das outras também possibilitava que cada uma olhasse para si, observando similaridades, em alguns casos, mas também as diferenças.

A Roda de conversa promoveu diversas problematizações, entendendo que o feminismo não se refere a um padrão definido de mulher. Assim, as participantes compartilhavam suas vivências em diálogo com o material do dia, enfatizando o caráter posicionado do feminismo, ou seja, cada uma dela, a partir de suas vivências, tinham uma experiência e reflexão do que é ser mulher e feminista. Nesta conscientização do feminismo como uma experiência corporificada, a

questão de gênero era necessariamente entendida e vivida em interseção com a raça, a classe e sexualidade.

Os encontros tentam ser sempre dinâmicos e democráticos. Ao longo das reuniões percebemos que um ambiente mais acolhedor e que parecesse, minimamente, familiar trazia um conforto a mais as participantes, incentivando assim, maior participação. Isso nos levou a relatos muito profundos e emocionantes, como uma das participantes que se sentiu confortável em compartilhar sua experiência pessoal de ex-trabalhadora doméstica no dia em que discutimos um episódio do Podcast Mamilos sobre o tema.

Ela relatou que no começo ficou com vergonha de se abrir, mas depois de ter ouvido outras pessoas tratando sobre a questão com responsabilidade e empatia ela se sentiu confortável para compartilhar seu depoimento pessoal sobre uma realidade já vivida, que inclui episódios de racismo estrutural e abuso da mão de obra das trabalhadoras domésticas. Outra participante se sentiu confortável em relatar como contou para sua família que era bissexual. Outra ainda desabafou sobre sua vivência e desafios enquanto mãe; outra falou de suas percepções como mulher negra inserida num ambiente majoritariamente branco e ainda uma jovem artista negra comentou sobre a forma como manifesta sua arte.

## **Feminismos Negros**

Juntamente com essa relação que foi estabelecida ao longo dos encontros, percebeu-se que muitos conceitos novos foram inseridos nos diálogos, isso aconteceu, principalmente, na perspectiva interseccional. Ao longo dos encontros o grupo leu muitos textos e debateu ideia de autoras negras, que traziam em suas produções um olhar racializado para os debates feministas postos em discussão. Muitas dessas conversas giraram em torno da interseccionalidade entre gênero e raça apesar de, pelo menos nos primeiros encontros da Roda, as participantes serem majoritariamente brancas. A recorrência do debate sobre a interseção entre gênero e raça se deve principalmente a dois fatos. Um deles é que grande parte dos materiais bibliográficos e audiovisuais sobre os quais nos debruçamos foram produzidos e/ou protagonizados por mulheres negras. O segundo é que Camila e Leandra são negras, integrante do Coletivo que tem trabalhado mais diretamente na organização da Roda, e as duas têm incorporado leituras feministas negras como parte de sua trajetória como acadêmicas e militantes. Elas também tinham um papel importante na Roda. Além de participarem da organização, elas fizeram a curadoria do material de diálogo e facilitaram algumas sessões, principalmente quando a Roda começou.

O segundo elemento importante na centralidade que o feminismo negro assumiu no Grupo é o fato de que as integrantes do Coletivo e as demais participantes da Roda que são brancas estavam abertas e desejosas a refletir sobre a sua posição, inclusive seus privilégios, diante da interseccionalidade. Inclusive, em um dos encontros, uma participante branca e lésbica fez a curadoria de dois textos da feminista negra estadunidense bell hooks, sendo eles “Uma política sexual feminista: uma ética da liberdade mútua” e “Alegria completa: lesbianidade e feminismo”. Segundo a mediadora, o texto tinha uma linguagem acessível e tratava com clareza a questão da sexualidade que, muitas vezes, as mulheres hétero, que são a maioria na Roda, não refletem. Nós, mulheres hétero do grupo, concordamos com ela e nos abrimos para a conversa. Assim, a mediadora deixou claro que, embora bell hooks seja uma autora negra, ela se identificava com o debate sobre lesbianismo realizado pela autora.

Além disso, em algumas das sessões mediadas por Camila ou por Leandra, elas compartilharam a tarefa com outras integrantes do Coletivo que são brancas. Assim, na prática de cada sessão e nas conversas por WhatsApp, a Roda tem explorado o contexto da pandemia para fortalecer um espaço de diálogo, reflexão, partilha e de afeto que é acolhedor, horizontal, democrático e respeitoso. Além da racialização do feminismo, questões e vivências lésbicas foram inseridas na conversa, infelizmente, o grupo não contou com nenhuma participante trans, para compartilhar com o grupo suas vivências.



## Feminismo negro em poesia

CANSAÇO!

Duda Moreno - 02\06\2020

Eu tô no corre há mó tempão e vocês querem novidade  
Agora que o mundo parou e você se ligou como anda essa  
cidade  
É bala correndo, o tiro comendo e o preto morrendo  
E só agora você viu como eu sempre tô por dentro  
Angústia, mágoa, tristeza e medo  
E se depois for um dos meus imagina o desespero

Fogo, bala, fogo bala, fogo, bala  
Ar... foi preciso um preto ser filmado sem respirar  
Pra você poder se importar  
Agora que a internet virou um palco  
Todo mundo quer mostrar que está do nosso lado  
Quer estudar, se informar e debater  
Há quanto tempo eu venho falando pra você aprender?

Me deixe falar sobre vida  
Me deixa contar o que me inspira  
É que a morte eu já vejo todo dia  
E combater racismo não é mais missão minha

Eu espero que a branquitude um dia acorde  
Pra eu poder sonhar com os meus  
E Martin, eu tenho um sonho igual ao seu!

Como dito anteriormente, todas e todos podem propor algum tema para ser trabalhado na Roda, dois em específico marcaram muito nosso grupo. Destaque-se que, um encontro impactou o grupo, visto nas reações das participantes: seu envolvimento no debate, suas expressões de afeto e sentimentos, sua abertura com o grupo sobre questões que, de alguma forma, as atinge mais intimamente. Este encontro aconteceu no dia 10/07/2020 e foi facilitado por Duda Moreno. Duda, que é uma mulher preta, periférica da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, estudante de geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisadora em iniciação científica pelo grupo de estudos espaço e população (GEPOP) onde desenvolve sua pesquisa sobre “Diáspora Africana: memória, arte, resistência e o seu lugar na geografia”, por meio do programa de incentivo à arte e cultura (PIBIAC). A participante, que em sua trajetória ativa no espaço artístico enquanto produtora cultural e também como artista que por meio da escrita poética expressa suas angústias principalmente sobre questões raciais. A mesma se auto define como: “não sou poetisa, sou poesia”, assim, não se limita a definições, pois entende que o imaginário poético é capaz de produzir um mundo de possibilidades.

Duda se tornou uma participante assídua da Roda. Numa das sessões anteriores, ela comentou que escreve poemas. Animadas, as outras participantes propuseram que ela facilitasse um encontro, apresentando algum de seus poemas. Duda preparou para a Roda uma conversa com o título: “Encontros poéticos e resistência, uma ode às memórias e gerações”, cujo objetivo foi dialogar através de uma poesia autoral intitulada “Cansaço” juntamente com o poema de Conceição Evaristo “A noite não adormece nos olhos das mulheres”. Ambos se interseccionam.

O poema de Duda demonstra o quanto nós, mulheres negras, estamos cansadas de termos nossos corpos e vivências reduzidas, em não sermos ouvidas, em presenciar o corpo dos nossos sendo exterminado pela necropolítica do Estado brasileiro constantemente. O poema de Conceição Evaristo também se une ao poema de Duda. A primeira autora o dedica à sua amiga Beatriz Nascimento, brutalmente assassinada pelo marido de uma amiga que sofria violência doméstica. Assim, o objetivo principal foi promover uma reflexão por meio da poesia acerca dos cansaços diários

de mulheres negras, fazer menção às memórias femininas tão importantes para a historiografia brasileira, e ainda, ressaltar o sentimento diaspórico presente nas vozes intergeracionais observadas nos poemas. Como numa linha temporal, onde a mesma narrativa que foi elucidada por Beatriz Nascimento, foi traduzida e homenageada nos versos de Conceição Evaristo, e a jovem Duda (re) clama o sentimento de fadiga, não só por falar suas dores, mas principalmente o questionamento sobre o interesse no antirracismo expresso pela branquitude e ainda, o direito de poder viver, sonhar e poetizar.

A experimentação do grupo com duas poesias tão potentes e impactantes promoveu um debate rico e que encantou a todas e todos presentes, por isso podemos considerá-lo como um dos mais importantes. Este encontro é um exemplo das diferentes linguagens e formatos da Roda e a dinâmica que o feminismo negro lhe deu. Nesse cenário, a Roda se tornou um espaço de experimentação e de partilhar nas diferentes, um espaço de ensino e aprendizagem baseados: na valorização das experiências pessoais e da fala em primeira pessoa; no exercício da escuta ativa e atenta; no aprender ao longo do processo; na construção de uma educação política e afetiva em que todo mundo aprende enquanto ensina e ensina enquanto aprende. Assim, a Roda se tornou um espaço de exercício da interseccionalidade como tática política para descolonizar nossas subjetividades e aprendemos com nossas diferenças.

## Considerações Finais

Surgida num de incertezas e tensões provocadas pela pandemia do Corona vírus, a “Roda de conversa - Estudos Feministas” foi um projeto de extensão que construiu uma metodologia inovadora de compartilhar conhecimentos feministas por meio do estímulo à auto-reflexão, do falar de si como meio para compreender a realidade e as estruturas de poder que afetam as mulheres. Neste processo, o feminismo negro se tornou central para colocar a decolonialidade em prática, como uma forma de enxergar e se posicionar no mundo. Embora a Roda não tivesse a proposta de enfatizar no feminismo negro, ele assumiu o protagonismo. A centralidade que as referências feministas negras tiveram na Roda se devem a diferentes fatos: primeiramente, a professora Camila e Leandra, uma das participantes do Coletivo Feminista Philipp Guisti mais ativa na organização da Roda, são mulheres negras que mantêm uma profunda conexão com o pensamento feminista negro. Elas tinham um papel importante na escolha dos textos a serem discutidos na Roda.

Outro importante motivo para o protagonismo do feminismo negro na Roda é o fato dos textos e materiais sugeridos por Camila e Leandra terem sido bem acolhidos pelas outras participantes da Roda. Muitas delas eram brancas, mas já estavam familiarizadas com o debate sobre interseccionalidade feita por pensadoras feministas negras. Outras, mesmo que ainda não familiarizadas, estavam abertas e desejosas por aprender. No ambiente da Roda, muitas das participantes brancas puderam questionar a construção de um sentido universal de mulher que privilegia a mulher branca em detrimento das mulheres negras. Para muitas delas, a Roda foi um espaço para repensar os privilégios da branquitude, enquanto conheciam de forma mais profunda os impactos materiais, simbólicos e emocionais do racismo e do sexismo na vida das mulheres negras.

Para as mulheres negras participantes da Roda, ter um espaço para ser ouvida e acolhida teve um papel importante, principalmente num contexto de isolamento social. Muitas vezes silenciadas pelas estruturas de poder, na Roda, as mulheres negras encontraram um espaço para falar e, assim, serem reconhecidas como sujeitas, uma das dimensões centrais na construção da subjetividade. Além disso, a interseccionalidade como epistemologia nos permitiu reconhecer a importância de mantermos uma contínua reflexividade sobre as posições que ocupamos nas estruturas sociais na interação com os indivíduos na vida cotidiana. Isso significa romper com o maneirismo de uma relação vítima x algoz que as abordagens simplistas sobre as desigualdades de poder podem acarretar.

A interseccionalidade como ferramenta para analisar a realidade e a si mesmo se mostrou como um instrumento importante para que cada pessoa se reconhecesse seu poder de ação e transformação. Ela também impulsionou o reconhecimento mútuo de que tínhamos muito o que aprender umas com as outras, com as nossas diferenças. Assim a divisão entre professor x aluno

que estrutura a academia e a educação formal foi rompida, ao mesmo tempo que todas eram estimuladas a assumir simultaneamente o lugar como aprendiz e mestre. A experiência da Roda demonstrou a interseccionalidade como um ferramenta que alicerçou um espaço de acolhimento e representatividade; uma importante ferramenta de mobilização social e abertura de diálogos para questões pessoais e sociais que nos cercam na vida cotidiana e se baseia na experiência negra, mas vai além. Ela ensinou a todas nós uma nova maneira de fundamentar o conhecimento de si e do mundo.

## Referências

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOQUEL, R. Introdução: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. in: **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Organização Joaze, Bernardino-Costa; Nelson Maldonado Torres e Ramón Grosfoguel. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 09-26.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Cambridge: Polity press, 2016.

CONCEIÇÃO, E. **A noite não adormece nos olhos das mulheres**. Cadernos Negros, v.19. Disponibilidade em: <https://peita.me/blogs/news/a-noite-nao-adormece-nos-olhos-das-mulheres-por-conceicao-evaristo>. Acesso em 15. mar. 2021.

DANIEL, C. “Morena”: a epistemologia feminista negra contra o racismo no trabalho de campo. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v.16, n. 6, p. 23-34, 2019. Disponibilidade em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1825>. Acesso em 15. out. 2020.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOOKS, b. Uma política sexual feminista: uma ética de liberdade mútua. In: **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, p. 127-137.

HOOKS, b. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. In: **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. cap. Alegria completa: lesbianidade e feminismo, p. 137-144.

HUNTY, R. V.. **Racismo, coisa de branco**. Youtube, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eBfw2WqNDj0>. Acesso em 26. Jun. 2020.

HUNTY, R. V. **A mulher na cultura**. Youtube, 25 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eckNexb8fU4>. Acesso em 25. Set. 2020.

HUNTY, R. V. **Mulher: centro de reabilitação**. Youtube, 25 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OEr0kbUrNUs>. Acesso em 25. Set. 2020.

LORDE, A. Usos do erótico. In: **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 67-75.

MAMILOS. **Trabalhadoras domésticas**. [Locução de Cris Bartis e Juliana Wallauer] 12 jun. 2020. Podcast. Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/mamilos/>. Acesso em 03. Jul. 2020.

RIBEIRO, D. O que é lugar de fala?. In: **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. cap. o que é lugar de fala?, p. 31-45.

WACQUANT, L. **Corpo e Alma Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará., 2002.

WARD, J. K. The cyber-ethnographic: (re)construction of two feminist online communities. **Social Research Online**, vol 1, n.1, 1999, p. 33 -50. Disponível em: <http://www.socresonline.org.uk/4/1/Ward.html>. Acesso em 27 de fevereiro de 2021.

Recebido em 25 de abril de 2021.

Aceito em 14 de março de 2022.